

ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE REATIVIDADE INTERPESSOAL - EMRI: CONSISTÊNCIA ESTRUTURAL DA VERSÃO REDUZIDA.

Nilton S. Formiga¹, Julio Rique², Lilian Galvao³, Cleonice Camino⁴, Anderson Mathias⁵ e Felipe Medeiros⁵

Universidade Federal Da Paraiba e Universidade Federal De Campina Grande, Brasil.

RESUMO

A empatia é definida como uma resposta afetiva de origem evolutiva apropriada à situação do outro. No contexto brasileiro, dentre as escalas que mediram a empatia, destaca-se a escala multidimensional de reatividade interpessoal. Adaptada e validada em um estudo exploratório, algumas limitações psicométricas foram encontradas; para superar pretende-se, avaliar, a partir de uma análise de modelagem estrutural, a consistência desta escala. Para tanto, duas amostras, somando 406 sujeitos, do sexo masculino e do sexo feminino, acima de 14 anos, do nível educacional médio e superior responderam a escala multidimensional de reatividade interpessoal. Observou-se que, nas duas amostras, os indicadores psicométricos da análise estrutural da escala garantiu tanto a estrutura item-fator quanto a acurácia para duas amostras brasileiras.

Palavras Chave: empatia, modelagem estrutural, jovens.

MULTIDIMENSIONAL SCALE OF INTERPERSONAL REACTIVITY - EMRI: STRUCTURAL CONSISTENCY OF SHORT VERSION.

ABSTRACT

The empathy can be define as construct as an affective answer with evolutionary origin of which is more appropriate to the other's situation than one's own. Several scales have been measuring empathy in the Brazilian context, but the multidimensional interpersonal reactivity scale has a theoretical support and more organized construct when compared to other scales. In Brazil, this scale was adapted and validated in an exploratory study. Existing some psychometric limits in the previous study, it's aimed to assess, from a structural modeling analysis, the consistency of this scale. Two samples of subjects, male and female, over 14 years, the high school and college educational level responded to multidimensional interpersonal reactivity scale. It was observed, in both samples, the structural analysis of psychometric indicators of the scale ensured both the structure and item-factor structure for the accuracy of two Brazilian samples.

Keywords: empathy, structural modeling, young.

¹Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; atualmente é professor no curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau. Endereço para correspondência: Rua Juiz Ovídio Gouveia, 349. Pedro Gondim. CEP.: 58031-030. João Pessoa - PB. E-mail: nsformiga@yahoo.com.

²Doutor em Psicologia pela Universidade de Wisconsin-Madison – EUA e Professor da Universidade Federal da Paraíba.

³Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba e Professora da Universidade Federal de Campina Grande.

⁴Doutora em Psicologia pela Université Catholique de Louvain (Bélgica), é professora na Universidade Federal da Paraíba

⁵Graduandos do curso de Psicologia na UFPB e Bolsistas de Iniciação Científica do CNPQ.

ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE REATIVIDAD INTERPERSONAL - EMRI: LA COHERENCIA ESTRUCTURAL DE LA VERSIÓN REDUCIDA.

RESUMEN

La empatía se define como una respuesta afectiva al origen evolutivo adecuado a la situación del otro. En el contexto brasileño, entre las escalas de medición de la empatía, se destacan la Escala multidimensional de reactividad interpersonal. Adaptada y validada en un estudio exploratorio, algunas limitaciones psicométricas fueron encontradas. Para superarlas se pretende evaluar, desde un análisis del modelo estructural, la consistencia de esta escala. Para este fin, dos muestras, por un total de 406 participantes, hombres y mujeres, mayores de 14 años, de nivel promedio de educación, respondieron a las Escala multidimensional de reactividad interpersonal. Se observó que, en ambas muestras, los indicadores psicométricos del análisis estructural de la escala garantizan la consistencia ítem - factor como la precisión para las dos muestras de Brasil.

Palabras claves: empatía, modelo estructural, jóvenes.

O estudo sobre a empatia tem interessado a ciência psicológica desde o final do século XIX e em todo o decorrer da fundação desta ciência. A empatia trata-se de um construto que teve seu início de estudo no campo da psicologia sensorial e da percepção, da consciência e introspecção, da personalidade, dos estudos sobre a experiência estética na arte e, atualmente, tem buscado compreender a luz da arquitetura cerebral. De forma geral, quando se procura mensurar este construto, independente da perspectiva adotada (por exemplo, a perspectiva neurocientífica, psicológica ou psicossocial), pode-se referir a uma disposição funcional do das pessoas para as trocas de experiências expostas, incondicional, em relação ao outro, bem como, indicar um espaço em determinada área do cérebro humano como localização desse construto (Decety, 2005; Decety & Jackson, 2004; Decety, Michalska & Akitsuki, 2008; Enz & Zoll, 2006; Wispé, 1990).

A empatia pode, então, ser definida como uma resposta afetiva de origem evolutiva que é mais apropriada à situação do outro do que da própria pessoa. Uma pessoa empática, teoricamente, é capaz de experimentar vicariamente emoções sentidas por outra pessoa, adotar o ponto de vista do outro, compreender suas motivações e necessidades e atribuir atitudes e comportamentos ao outro com a função de prover ajuda, agregação, cuidado, justiça e solidariedade (Batson, Eklund, Chermok, Hoyt & Ortiz, 2007; Batson, Tricia, Highberger & Shaw,

1995; Davis 1983; Hoffman, 2000; Mehrabian & Epstein, 1972).

Foi Davis (1983) que operacionalizou essa medida, considerando a empatia como uma reatividade interpessoal. Este autor, a partir da consideração de que o ser humano apresentava algumas habilidades empáticas, hipotetizou a existência de quatro construtos independentes, a saber: a *tomada de perspectiva do outro* (refere-se à capacidade cognitiva voltada para a compreensão e coordenação de percepções do outro que visem a solução de conflitos interpessoais e sociais); a *consideração empática* (diz respeito à capacidade de avaliar e sentir como o outro, bem como do reconhecimento dos afetos e das necessidades do outro, motivando a simpatia e a ajuda para com o outro); a *angústia pessoal* (refere-se a um sentimento de tensão e desconforto, frente à condição de necessidade do outro, podendo gerar comportamentos de afastamento ao invés de comportamentos de ajuda) e a *fantasia* (refere-se a habilidade de se identificar com personagens ficcionais em novelas, filmes e romances e sentir junto com eles, uma adesão involuntária às condições afetivas de alegria, tristeza, raiva etc. e/ou de necessidade do outro). Esses construtos, segundo Rique, Camino, Formiga, Medeiros e Luna (2010), têm contribuído para aprofundar o estudo da empatia na psicologia do desenvolvimento sócio-cognitivo.

No Brasil as concepções teóricas sobre o construto da empatia existem a mais de vinte anos e encontram-se em diversos espaços das ciências em geral, por exemplo: psicologia, recursos humanos, enfermagem, medicina, etc. (Camino, 1979; *Cecconello & Koller, 2000*; Echer, 2005; Falcone, Gil & Ferreira, 2007; Falcone et al., 2008; Motta, Falcone, Clark & Manhães, 2006; Oliveira & Rodrigues, 2005; Tavares, 2006; Pavarino, Del Prete & Del Prete, 2005; Saupe & Budó, 2006; Ribeiro, Koller & Camino, 2002). Porém, ao se refletir sobre a forma de mensuração da empatia, uma das maiores dificuldades encontradas está na construção, sobretudo no que se refere à operacionalização do construto empatia, e na adaptação de instrumentos válidos.

Algumas escalas, no Brasil, têm contribuído para suprir o problema da mensuração da empatia, cada uma delas com concepções diferentes quanto ao tema ou com objetivos diferentes em relação à construção da medida, por exemplo: a escala de contágio emocional, habilidades sociais e inteligência emocional, inventário de empatia, empatia focada em grupos e a escala multidimensional de reatividade interpessoal de Davis – EMRI (*Bandeira, Costa, Del Prette, Del Prette & Gerk-Carneiro, 2000*; Del Prette & Del Prette, 2005; Falcone et al., 2008; Galvão, Camino, Gouveia & Formiga, 2010; Gouveia, Guerra, Santos, Rivera & Singelis, 2007; Primi, Bueno & Muniz, 2006; Ribeiro et al., 2002; Siqueira, Barbosa & Alves, 1999; Woyciekoski, 2006). E, de forma geral, em termos de uma direção conceitual, essas escalas convergem para avaliação da capacidade do ser humano em relação ao pensar e sentir a experiência do outro, com o objetivo de qualificar sua relação social e emocional.

Porém, de todas essas escalas, apenas a escala de empatia de Davis (1983), também, conhecida como escala multidimensional de reatividade interpessoal (EMRI), possui um corpo teórico bem organizado, assim como, é a que tem sido utilizada como variável explicativa em vários estudos no Brasil que enfocam variáveis psicológicas e psicossociais (Camino & Camino, 1996; Ribeiro et al., 2002; Rique e cols., 2010;

Sampaio, Camino & Roazzi, 2010; Sampaio, Monte, Camino & Roazzi, 2008), fato esse que motivou a realização do presente estudo.

A importância da escala desenvolvida por Davis para avaliar a empatia deve-se, de acordo com Ribeiro et al. (2002), a perspectiva metodológica e teórica adotada por Davis, na medida em que o autor propõe um instrumento com construtos que condizem com a teoria.

No Brasil, Ribeiro et al. (2002) adaptaram e validaram a escala de empatia de Davis (1983), que mostrou consistência teórica e empírica em sua exploração fatorial. Alguns autores incluem na escala de empatia de Davis uma quarta dimensão chamada de fantasia (Davis, 1983; Sampaio et al., 2009), mas, de acordo com Ribeiro et al. (2002), durante a realização do seu estudo, a partir de uma comunicação pessoal com Eisenberg, foi recomendado que a dimensão de fantasia não fosse incluída, pois, encontrou-se problema na elaboração e consistência dessa dimensão com base nos aspectos culturais dos Estados Unidos. Isto fez com que os autores brasileiros, por parcimônia, excluíssem a dimensão fantasia da escala de empatia.

Assim, Ribeiro et al. (2002), desenvolveram um estudo com 320 adolescentes brasileiros, de 14 a 16 anos, de escolas privadas e públicas, distribuídos nas cidades de João Pessoa-PB e Porto Alegre – RS. Nesta amostra foi aplicada a escala multidimensional de reatividade interpessoal (EMRI), mas, apenas com três dimensões (*tomada de perspectiva; consideração empática e a angustia pessoal*) as quais distribuíam os 21 itens, distribuído, igualmente, 7 itens para cada dimensão; respectivamente, estas dimensões apresentaram alfas de 0.63, 0.67 e 0.54. Porém, na análise exploratória realizada por esses autores, observou-se que alguns itens não apresentaram escores fatoriais e alfas aceitáveis estatisticamente, estabelecendo com isso, apenas 17 itens para a escala EMRI: consideração empática (07), tomada de perspectiva (05) e a angustia pessoal (05).

Apesar da garantia na consistência interna da

mensuração da empatia observada por Ribeiro et al. (2002), ao se considerar o tipo de análise que realizaram, verifica-se que esta apresenta inconvenientes: pauta-se estritamente pelos dados obtidos não considerando um modelo teórico fixo que oriente a extração das dimensões latentes e não apresenta qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo.

Com o intuito de sanar as limitações do estudo de Ribeiro et al. (2002), o qual apresentou apenas uma análise exploratória, neste, utilizou-se uma análise estrutural e procurou-se alcançar dois objetivos específicos: 1- estimativa da magnitude dos efeitos entre variáveis, a qual estava condicionada ao fato do modelo especificado (isto é, o diagrama) estar correto, e 2 - testagem da consistência do modelo com os dados observados, a partir dos indicadores estatísticos, o que permitiria verificar se o resultado, o modelo e os dados eram plausíveis, embora não permitisse afirmar se eram corretos (Farias & Santos, 2000). Assim, atingir-se-ia não a certeza total do modelo, mas, a probabilidade sistemática da relação entre as variáveis.

Note-se que a Modelagem de Equação Estrutural é particularmente útil quando uma variável dependente se torna independente em relação às subseqüentes que, por sua vez, se tornam dependentes (Hair, Tatham, Anderson & Black, 2005; Silva, 2006). Em resumo, pode-se dizer que o objetivo do presente estudo é avaliar de forma mais robusta, a partir de uma *Análise Fatorial Confirmatória (AFC)* e de uma análise do Modelo de Equação Estrutural (SEM), efetuada a partir do *AMOS GRAFICS*, versão 7.0, a SEM permite tanto o teste confirmatório da estrutura psicométrica de instrumento, quanto, a análise das relações explicativas entre múltiplas variáveis simultaneamente.

Assim, a partir dos dados obtidos, em duas amostras de jovens, com o uso da escala de empatia elaborada por Davis (1983), tomando como referência a análise exploratória do estudo realizado por Ribeiro et al. (2002), as sugestões metodológicas desses autores e a avaliação do construto fatorializado com seus respectivos

conglomerados item-fator da escala em questão, espera-se encontrar uma estrutura semelhante a que esses autores observaram, porém, com melhores indicadores psicométricos e consistência estrutural do construto analisado de forma mais robusta.

MÉTODO

Amostra

Duas amostras compuseram este estudo: *a primeira* composta por 200 sujeitos, do sexo masculino (46%) e do sexo feminino (54%), de 14 a 42 anos, alunos do nível educacional médio de uma instituição privada e do nível universitário de uma instituição pública, da cidade de João Pessoa/PB/Brasil; *a segunda* amostra foi composta por 206 sujeitos, do sexo masculino (31%) e do sexo feminino (69%), de 14 a 19 anos, alunos do ensino médio de uma instituição pública, da cidade de João Pessoa/PB/Brasil. Nesta amostra, considerou-se o aluno que, consultado, dispôs a colaborar, respondendo o questionário que foi apresentado. Desta forma, a amostra foi não probabilística, podendo ser definida como intencional.

Instrumentos

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI. Trata-se de um instrumento elaborado por Davis (1983) e adaptado por Ribeiro et al. (2002) para o contexto brasileiro. É composto por 21 itens objetivos, que devem ser respondidos em uma escala de 5 pontos (1 = baixa empatia e 5 = alta empatia). É um instrumento tipo lápis e papel que mensura a empatia a partir de duas dimensões afetivas (consideração empática e angústia pessoal) e uma cognitiva (tomada de perspectiva): a dimensão da consideração empática (CE) está relacionada aos sentimentos dirigidos para o outro e à motivação para ajudar pessoas em necessidade, perigo ou desvantagem (por exemplo, Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente; Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo, etc.); a de angústia pessoal (AP) avalia as sensações afetivas de

desconforto, incômodo e desprazer dirigidas para o *self*, quando o indivíduo imagina o sofrimento de outrem (por exemplo, Perco o controle quando vejo alguém que esteja precisando de muita ajuda; Fico apreensivo em situações emergenciais, etc.); já a dimensão de tomada de perspectiva (TP) mede a capacidade cognitiva do indivíduo de se colocar no lugar de outras pessoas, reconhecendo e inferindo o que elas pensam e sentem (por exemplo, Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico; Tento compreender meus amigos imaginando como eles vêem as coisas, etc.). De acordo com Ribeiro et al. (2002), a escala de empatia apresentou alfas que variaram de 0.50 a 0.67, bem como, correlações significativas entre os fatores [Angústia Pessoal (AP), Tomada de Perspectiva (TP), Consideração empática (CE)] que estiveram entre 0.14 a 0.85.

Procedimentos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (ANPEPP, 2000; CNS, 1996).

Administração

Quatro colaboradores com experiência foram responsabilizados pela coleta dos dados, e apresentaram-se nas salas de aula como interessados em conhecer as opiniões e os comportamentos dos alunos sobre as situações descritas nos instrumentos.

Considerou-se o aluno que, consultado, dispôs a colaborar, respondendo o questionário breve que lhe foi apresentado. Após ficarem cientes das condições de participação na pesquisa foi informado que não havia resposta certa ou errada. A todos foi assegurado o anonimato das suas respostas informando que estas seriam tratadas em seu conjunto. A Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI foi respondida individualmente.

Apesar do instrumento ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores na aplicação estiveram presentes durante toda a

aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 30 minutos foram suficientes para concluir essa atividade.

Análise dos dados

Quanto à análise dos dados, tomando como base o estudo de Ribeiro et al. (2002), realizou-se uma análise fatorial confirmatória, com o objetivo de testar a adequação do modelo multidimensional encontrado por esses autores. Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador ML (Maximum Likelihood). Este tipo de análise estatística é mais criteriosa e rigorosa do que a análise realizada anteriormente por Ribeiro e cols. (2002) para adaptação e validação da escala. A análise feita testou a estrutura teórica que se propõe neste estudo. Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Bilich, Silva & Ramos, 2006; Byrne, 1989; Hair, Tatham, Anderson & Black, 2005; Kelloway, 1998; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). A seguir serão apresentados esses indicadores:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados: quanto maior o valor do χ^2 pior o ajustamento. Entretanto, ele tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

- Raiz Quadrada Média Residual (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (Joreskog & Sörbom, 1989).

- O Goodness-of-Fit Index (GFI) e o Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI) são análogos ao R^2 na regressão múltipla e, portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Os valores desses indicadores variam de 0 a 1, sendo que os valores na casa dos 0.80 e 0.90, ou superior, indicam um ajustamento satisfatório (Bilich, Silva & Ramos, 2006; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

- A Root-Mean-Square Error of

Approximation (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0.05 e 0.08, aceitando-se valores de até 0.10 (Garson, 2003; Kelloway, 1998).

- O Comparative Fit Index (CFI) - compara de forma geral o modelo estimado ao modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair, Tatham, Anderson & Black, 2005; Bilich, Silva & Ramos, 2006).

- O Expected Cross-Validation Index (ECVI) e o Consistent Akaike Information Criterion (CAIC) são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Bilich, Silva & Ramos, 2006).

RESULTADOS

A fim de atender o objetivo principal do presente estudo, empregou-se o pacote estatístico AMOS 7.0 para efetuar uma análise fatorial confirmatória hipotetizando o modelo multifatorial observado por Ribeiro et al. (2002). Elaborou-se, também, a título de comparação

entre os indicadores psicométricos, um modelo unifatorial a fim de verificar a hipótese a que se deseja testar.

Testou-se a seguinte estrutura fatorial da Escala de empatia: (a) Modelo 1: unifatorial, em que todos os itens da empatia apresentaram saturação em um único fator e (b) Modelo 2: multifatorial, o modelo proposto teoricamente e que se espera encontrar. Com isso, optou-se por deixar livre as covariâncias (ϕ , ϕ) entre os fatores, revelando que os indicadores de qualidade de ajuste para cada modelo se mostraram próximos as recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). A fim de facilitar uma melhor compreensão do estudo para o leitor, optou-se em apresentar o modelo estrutural e seus respectivos indicadores para cada amostra.

De acordo com os resultados obtidos nas análises (ver Tabela 1), apesar do modelo multifatorial apresentar indicadores estatísticos que justificam a sua fidedignidade é possível destacar que, neste modelo reduzido (com 17 itens), proposto por Ribeiro et al. (2002), alguns itens foram excluídos devido a observação de escores correlacionais abaixo do esperado e pela observação de alfas negativos (por exemplo, excluíram-se os itens 02, 09, 11, 14, 15, 17 e 22). Com a exclusão dos itens, o modelo apresentou melhores resultados.

Tabela 1

Comparação da estrutura fatorial da escala de empatia na amostra 1.

| MODELOS | χ^2 | gl | χ^2/gl | GFI | AGFI | CFI | RMR | RMSEA | CAIC | ECVI |
|-----------------------------------|----------|-----|-------------|------|------|------|------|-------------|--------|-------------|
| Unifatorial | 184.75 | 161 | 1.15 | 0.92 | 0.88 | 0.96 | 0.09 | 0.03 | 646.99 | 1.58 |
| | | | | | | | | (0.01-0.04) | | (1.47-1.77) |
| Trifatorial | 140.77 | 151 | 0.93 | 0.94 | 0.91 | 1.00 | 0.07 | 0.00 | 627.71 | 1.46 |
| | | | | | | | | (0.00-0.03) | | (1.51-1.62) |
| Trifatorial* (Itens reduzidos) | 68.76 | 75 | 0.91 | 0.96 | 0.93 | 1.00 | 0.04 | 0.00 | 560.02 | 1.12 |
| | | | | | | | | (0.00-0.02) | | (1.10-1.24) |

$p > .05$

Notas:* Fatorialização proposta por Ribeiro et al. (2002) por observarem que alguns itens da escala não era adequados.

Como todas as saturações (Lambdas, λ) estiveram dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, o que denota não haver problemas de estimação proposta, todas foram estatisticamente diferentes de zero ($t > 1.96, p < .05$), corroborando a existência de três fatores [Consideração Empática (CE), Angústia Pessoal (AP) e Tomada de Perspectiva (TP)] para se avaliar a empatia assumida pelos sujeitos da primeira amostra, os quais estiveram associados positivamente entre si.

Um resultado adicional pode ser observado a partir de um teste t para amostras emparelhadas, buscando avaliar as diferenças entre as pontuações médias dos fatores da empatia. Observou-se que a *consideração empática* apresentou média superior ($M = 3.61$; $DP = 0.71$) do que a média da *tomada de perspectiva* ($M = 3.36$; $DP = 0.65$) [$t(205) = 4.81, p < .01$] e a média da *angústia pessoal* ($M = 3.19$; $DP = 0.61$) [$t(205) = 8.15, p < .01$]; e que, a pontuação média da *tomada de perspectiva* ($M = 3.36$; $DP = 0.65$) foi maior do que a pontuação média para a *angústia pessoal* ($M = 3.19$; $DP = 0.15$) [$t(205) = 3.05, p < .01$].

No que diz respeito ao gênero e aos fatores da empatia, observou-se que: as mulheres pontuaram mais alto ($M = 3.85$; $DP = 0.70$) do que os homens ($M = 3.33$; $DP = 0.61$) na *consideração empática*, [$t(203.77) = 1.40, p < .01$] e na *angústia pessoal* ($M_{\text{homens}} = 3.01$; $DP = 0.58$) [$t(199.15) = 0.39, p < .01$]. Quanto à tomada de perspectiva, não se observou diferenças significativas entre homens e mulheres.

Com o objetivo de verificar a acurácia da presente escala, efetuou-se com uma segunda amostra, procedimento semelhante ao que foi realizado com a primeira amostra. Na Tabela 2, observa-se que resultados referentes aos indicadores psicométricos seguiram a mesma direção dos encontrados, anteriormente.

Mesmo que se reconheça, para essa amostra, um qui-quadrado menor, e portanto melhor do modelo trifatorial, este, quando comparado ao trifatorial (escala reduzida), deve-se atentar para o conjunto dos indicadores psicométricos desta última escala que são, em seu conjunto, melhor do que o do modelo trifatorial.

Tabela 2

Comparação da estrutura fatorial da escala de empatia na amostra 2.

| MODELOS | χ^2 | gl | χ^2/gl | GFI | AGFI | CFI | RMR | RMSEA | CAIC | ECVI |
|-----------------------------------|----------|-----|-------------|------|------|------|------|-------------|--------|-------------|
| Unifatorial | 176.09 | 142 | 1.24 | 0.92 | 0.87 | 0.96 | 0.06 | 0.04 | 740.75 | 1.77 |
| | | | | | | | | (0.01-0.05) | | (1.63-1.97) |
| Trifatorial | 104.62 | 130 | 0.81 | 0.95 | 0.92 | 1.00 | 0.06 | 0.00 | 736.64 | 1.54 |
| | | | | | | | | (0.00-0.01) | | (1.54-1.67) |
| Trifatorial* (Escala reduzida) | 76.22 | 88 | 0.87 | 0.96 | 0.93 | 1.00 | 0.04 | 0.00 | 784.54 | 1.01 |
| | | | | | | | | (0.00-0.02) | | (1.00-1.11) |

$p > .05$

Notas: *Estrutura fatorial proposta por Ribeiro et al. (2002) por ter observado que alguns itens da escala não eram adequados.

Semelhante ao ocorrido na primeira amostra todas as saturações (Lambdas, λ) estiveram no intervalo esperado $|0 - 1|$ e estatisticamente diferentes de zero ($t > 1.96, p < 0.05$), observando que a estrutura corrobora a estimação proposta, com todas as dimensões inter-relacionadas, se assemelhando aos

Para a amostra 2, também, efetuou-se um teste t para amostras emparelhadas, observando-se os seguintes resultados: a *consideração empática* apresentou média superior ($M = 3.87$; $DP = 0.68$) a média da *tomada de perspectiva* ($M = 3.72$; $DP = 0.45$) [$t(199) = 3.66, p < .01$]; a pontuação média

da *angústia pessoal* ($M = 3.84$; $DP = 0.52$) foi maior do que a média para *tomada de perspectiva* ($M = 3.73$; $DP = 0.45$) [$t(199) = -3.54, p < .01$]; em relação a comparação entre a consideração empática e a angústia pessoal não se observou diferença significativa.

No que se refere às diferenças de gênero e as relativas às dimensões de empatia, observaram-se os seguintes resultados significativos: as mulheres pontuaram mais alto ($M = 4.06$; $DP = 0.54$) do que os homens ($M = 3.47$; $DP = 0.78$) na *consideração empática*, [$t(86.47) = 7.01, p < .01$]; na *angústia pessoal*, a pontuação média das mulheres também foi mais alta ($M = 3.92$; $DP = 0.44$) do que a dos homens ($M = 3.64$; $DP = 0.62$) [$t(87.84) = 5.66, p < .01$]; e na *tomada de perspectiva* (Palacios (2007), quienes en su estudio con jóvenes lle $M = 3.81$; $DP = 0.37$) a dos homens ($M = 3.55$; $DP = 0.56$) [$t(83.70) = 13.98, p < .01$].

Ao reavaliar a escala adaptada por Ribeiro et al. (2002), buscou-se acrescentar informações à mensuração da escala, por tratar-se de uma das escalas mais utilizada nos estudos sobre empatia no Brasil, merecendo com isso, maior atenção para a sua qualidade e consistência para a avaliação psicológica.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos neste estudo, sobretudo aos referentes a segunda amostra, não indicou simplesmente uma melhoria psicométrica, a especificidade da escala e a indexação entre os itens e seus respectivos fatores, indicou também que a escala pode ser considerada confiável pela acurácia de sua mensuração.

A preocupação com a confiabilidade de um instrumento capaz de mensurar a empatia tem a ver com a importância atribuída ao desenvolvimento desse construto para o incremento de relações interpessoais menos individualistas, que possibilitem um maior bem estar social. Em relação a esta preocupação, acredita-se que a escala recém validada poderá ser útil, uma vez que ela poderá indicar a diferença de pontuações médias entre as três dimensões que se

propõe avaliar: a *consideração empática*, nas duas amostras, apresentou média superior em relação às dimensões da *tomada de perspectiva* e *angústia pessoal*.

Considerando que o instrumento explorado por Ribeiro et al. (2002) tratou-se apenas uma análise fatorial dos principais componentes e alfas, destaca-se que esse tipo de estatística impede apontar estimativas – do nível teórico para o empírico – dos efeitos entre variáveis em relação ao modelo pretendido, pois a análise fatorial gera resultados de forma aleatória para organizar as variáveis dependentes e independentes (isto é, a composição dos construtos com os seus respectivos itens da escala EMRI); enquanto a modelagem estrutural permite avaliar as variações e co-variações entre as variáveis do modelo teórico, fornecendo indicadores que tanto sustentem a estrutura psicométrica do instrumento, quanto o construto teórico estabelecido. Essa condição estatística vem garantir a estrutura da escala EMRI e a robustez dos indicadores psicométricos na avaliação dos construtos teóricos da empatia.

Destaca-se também que a validação desta escala contribuiu para o reconhecimento de uma capacidade humana de ressonância interpessoal que possibilita uma ética relacional. Pois, de acordo com Depraz (2005), essa ética, busca o respeito e compreensão do outro e a inclusão do observador no campo do problema do outro, possibilitando, tanto a quem precisa de ajuda quanto a quem pode ajudar uma disposição para o acolhimento do outro, reabrindo espaço para interação humana e seus vínculos afetivos.

Os estudos sobre o construto da empatia permitem compreender que as pessoas têm a capacidade de abrir canais comunicativos para a relação interpessoal, estimulando e simulando convicções, desejos, percepções, observando os sentimentos e as emoções do outro.

Espera-se que os objetivos deste estudo tenham sido cumpridos, principalmente, no que diz respeito à consistência interna e validade estrutural do instrumento analisado. Este, por sua vez, poderá ser empregado em áreas afins da psicologia, por exemplo: educação, assistência

social, etc. Porém, é bom destacar que ao considerar os resultados deste estudo em outros contextos sociais, pretendendo ou não refutá-los, é necessário ter-se em conta os aspectos mais específicos ou universais de cada cultura.

Desta maneira, seria de grande utilidade estudos sobre a empatia, a partir da concepção de Davis (1983), que analisasse de forma convergente, no processo socializador na dinâmica interna da família, a transmissão e manutenção da empatia, também merece destaque estudos em diferentes grupos sociais quanto ao problema do preconceito de forma geral; outro estudo de grande utilidade seria considerar estudos em a empatia fosse avaliada em diferentes classes sócio-econômicas e entre zonas urbana e rural brasileira.

REFERÊNCIAS

- Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Psicologia - ANPEPP. (2000). *Contribuições para a discussão das Resoluções CNS n.º 196/96 e CFP N.º 016/2000*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da: http://www.anpepp.org.br/XIISimposio/RelComissaoeticasobre_Res_CNS_e_CFP.pdf.
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Gerk Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 401-412.
- Batson, C. D., Eklund, J. H., Chermok, V. L., Hoyt, J. L., & Ortiz, B. G. (2007). An additional antecedent of empathic concern: valuing the welfare of the person in need. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(1), 65-74.
- Batson, D. C., Tricia, R. K., Highberger, L. & Shaw, L. L. (1995). P. (2009). Causal beliefs, socy Induced Altruism: When Compassion and Justice Conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(6), 1042-1054.
- Bilich, F., Silva, R. & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: neliness among older adu estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3(2), 93-122.
- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer Verlag.
- Camino, C. P. S. (1979). *Determinants cognitifs et sociaux du jugement moral*. Tese de Doutorado Não-Publicada. Universidade de Louvain, Bélgica.
- Camino, C. & Camino, L. (1996). Julgamento moral, emoção e empatia. In Z. D. Trindade & C. Camino (Eds.), *Cognição social e juízo moral* (Coletâneas da ANPEPP, pp. 109-135). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós graduação em Psicologia.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de psicologia*, 5(1), 71-93.
- Conselho Nacional de Saude – CNS. (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso96.htm>
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113-126.
- Decety J., Michalska K. J. & Akitsuki, Y. (2008). Who caused the pain? A functional MRI ios y las adolescentes y j and intentionality in children. *Neuropsychologia*. 46, 2607-2614.
- Decety, J. & Jackson, P. L. (2004). The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*. 3, 71-100.
- Decety, J. (2005). Perssexual bajo coerción y ll avenue to empathy. In B. F. Malle & S. D. Hodges (Eds.), *Other minds: How humans bridge the divide between self and other* (pp. 143-157). New York: Guilford Publications.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Depraz, N. A ética relacional: uma prática de ressonância interpessoal. *Revista do departamento de Psicologia da UFF*, 17(2), 19-34.
- Echer, I. C. (2005). Elaboração de manuais de orientação para o cuidado em saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(5), 754-757.
- Eisenberg, N., & Strayer, J. (1990). *Empathy and its development*. New York: Cambridge University Press.
- Enz, N., & Zoll, N. (2006). *Cultural differences in empathy between China, Germany and the UK*. Recuperado em 23 de novembro de 2006, de www.nicve.salford.ac.uk/elvis/resources/empathy
- Falcone, E. M. O., Ferreira, M. C., Luz, R. C. M., Fernandes, C. S., Faria, C. A., D'Augustin, J. F., Sardinha, A., & Pinho, V. D. (2008). Inventário de Empatia (I.E.): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação psicológica*, 7(3), 321-334.
- Falcone, E. M. O., Gil, D. B. & Ferreira, M. C. (2007). Um estudo sobre a pobreza e a condição econômica de verbalização empática entre psicoterapeutas de diferentes abordagens teóricas. *Estudo de psicologia (Campinas)*, 24(4), 451-461.
- Farias, S. A. & Santos, R. C. (2000). Modelagem de Equações Estruturais e Satisfação do Consumidor: uma Investigação Teórica e Prática. *Revista de Administração Contemporânea*, 4(3), 107-132.
- Galvao, L., Camino, C., Gouveia, V. V. & Formiga, N. S. (2010). Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: Validade fatorial e consistência em jovens. *Dis* 9-405.
- Garson, G. D. (2003). *PA 765 Statnotes: An online textbook*. Endereço de página Web: <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm>
- Baltes, M. (1990). *Psychology of aging* (2005).
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Santos, W. S., Rivera, G. A., & Singelis, T. M. (2007). Escala de Contágio Emocional: Adaptação ao contexto brasileiro. *Psico*, 38(1), 45-54.
- Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E. & Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press.
- Joreskog, K. & Sorbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guides*, E. & Geldstein, G. (1991). Scientific Software.
- Kelloway, E. K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Mehrabian, A. & Epstein, N. (1972). A measure of emotional empathy. *Journal of Personality*, 40, 525-543.
- Motta, D. C., Falcone, E. M. O.; Clark, C. & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem a cooperação em crianças. *Psicologia: Estudo*, 11(3), 523-532
- Oceja, L.V. & Jiménez, I. (2007). Beyond egoism and group identity: Empathy toward the other and awareness of others in a social dilemma. *The Spanish Journal of Psychology*, 10(2), 369-379.
- Oliveira, I. C. S. & Rodrigues, R. G. (2005). Assistência ao recém-nascido: perspectivas para o saber de enfermagem em neonatologia (1937-1979). *Texto contexto – enfermagem*, 14(4), 498-505.
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36(2), 127-134.
- Primi, R., Bueno, J. M. H. & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional: validade convergente e discriminante do MSCEIT com a BPR 5 e o 16PF. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(1), 26-45.
- Ribeiro, J., Koller, S. H. & Camino, C. (2002). Adaptação e validação de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de psicologia*, 18(3), 43-53.
- Rique, J., Camino, C., Formiga, N. S., Medeiros, F. & Luna, V. (2010). Empatia e Perdão Interpessoal. *Io de la coacción sexual masf Psychology*, 44, 411-418.
- Sampaio, L. R., Monte, F. C., Camino, C., & Roazzi, A. (2008). Justiça distributiva e empatia em

- adolescentes do nordeste brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 275-282.
- Sampaio, L. R., Camino, C. P. S. & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: ciência e profissã*, 29(2), 212-227.
- Saupe, R. & Budó, M. L. D. (2006). Pedagogia interdisciplinar: "educare" (educação e cuidado) como objeto fronteiro em saúde. *Texto contexto - enfermagem*. 15(2), 326-333.
- Silva, J. S. F. (2006). *Modelagem de Equações Estruturais: Apresentação de uma metodologia*. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado em 25 de agosto de 2009, da WEB (página da WEB): <http://hdl.handle.net/10183/8628>.
- Siqueira, M. M., Barbosa, N. C. & Alves, M. T. (1999). Construção e Validação Fatorial de uma Medida de Inteligência Emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 143-152.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Tavares, C. M. M. (2006). A educação permanente da equipe de enfermagem para o cuidado nos serviços de saúde mental. *Texto contexto enfermagem*, 15(2), 287-295.
- Van De Vijver, F. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Wispe, L. (1990). History of the concept of empathy. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), *Empathy and its development* (pp 17-37). New York: Cambridge University Press.
- Woyciekoski, C. (2006). *Instrumentos de inteligência emocional de auto-relato medem alguma coisa que instrumentos de personalidade não medem?* Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

Recibido: 6 de julio del 2011

Aceptado: 11 de octubre del 2011

